

A MUSICOTERAPIA COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO CONTROLE DA ANSIEDADE: UMA REVISÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Guilherme Luiz Pereira e Silva¹

Resumo: este estudo buscou caracterizar produções bibliográficas sobre intervenções de musicoterapia para o controle da ansiedade a partir de estudos empíricos brasileiros, publicados nos últimos 10 anos. Trata-se de uma revisão integrativa, que analisou um total de nove estudos empíricos brasileiros, publicados nos últimos 10 anos. A busca pelas fontes de informação foi realizada na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde. Para a realização da busca, foi utilizado o descritor “musicoterapia AND ansiedade”. Os textos foram analisados a partir de um roteiro de leituras, construído a partir dos objetivos específicos da pesquisa, que buscaram identificar: os objetivos das pesquisas analisadas, o público-alvo, contexto em que as pesquisas foram feitas, tipos de intervenção adotados e os resultados dos estudos. Como resultados, foi possível identificar que a maior parte dos estudos foram realizados em contexto hospitalar e utilizaram a audição de músicas gravadas como principal tipo de intervenção. Todos os estudos indicaram resultados positivos para a diminuição da ansiedade, após a realização das intervenções baseadas em musicoterapia.

Palavras-chave: Musicoterapia. Ansiedade. Música.

De acordo com Oliveira e Gomes (2014), desde a pré-história, a prática musical enquanto uma expressão humana, foi utilizada como elemento de promoção do bem-estar. Por estar tão introjetada na cultura, é muito difícil descrever o momento que corresponda a origem da música e seu uso para fins “curativos”. Para Oliveira e Gomes (2014, p.754) “a música surge associada aos ritos religiosos, práticas divinatórias sacrificiais, festas populares; temos dados históricos sobre a distinção entre os estilos musicais utilizados para estes diferentes fins”. Fica claro que o forte vínculo da música ao desejo humano de comunicar e revelar suas emoções e sentimentos, retratar suas aventuras e experiências bem como reunir-se em grupos para celebrar fases importantes da vida, de alguma forma, se faz presente ao acompanhar os seres humanos ao longo da vida.

O ato de ouvir uma música pode evocar diferentes memórias e afetos, fazer lembrar de pessoas, lugares e acontecimentos. Essa relação de vínculo do subjetivo

¹ Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: guilherme.silva2333@gmail.com. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. 2021. Orientador: Prof. Anderson da Silveira, Me.

humano a música, é o que torna esta expressão artística de grande importância para aqueles que pretendem estudar suas relações enquanto fenômenos psicológicos. Tal singularidade ao olhar de Sacks (2008 apud OLIVEIRA; GOMES, 2014, p.759), pode ser descrita como:

única entre as artes, é ao mesmo tempo completamente abstrata e profundamente emocional. Não tem o poder de representar seja o que for de concreto ou de exterior, mas tem um poder único no que se refere à expressão de estados internos ou de sentimentos. A música é capaz de nos tocar diretamente, o coração; não requer mediações.

Por conceito, “música é a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente, com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo.” (MED, 2017, p.11). Oliveira e Gomes (2014), sugerem que a origem da música como forma terapêutica é uma descoberta dos antigos gregos. Esta explicação parte do princípio de que na Grécia Antiga já existiam a compreensão das potencialidades da escrita, arte, filosofia e música. Assim, o que hoje é compreendido por musicalidade pelo ser humano – aqui com ênfase nas estruturas conceituais e metodológicas ocidentais – é resultado da grande contribuição dos estudos de intelectuais matemáticos, físicos, poetas, filósofos, músicos profissionais e discípulos entusiastas, cujo a explicação de autores e suas narrativas são encontradas em inúmeras obras ao longo da história.

Oliveira e Gomes (2014), creditam aos gregos o fato que se pode pensar em uma cultura, que de certa forma, organizou a musicalidade como terapia, além de pré-estruturar e ser a base dos conceitos técnicos musicais no Ocidente:

Grandes nomes da cultura grega antiga se associam à impulsão da musicoterapia. Os gregos utilizavam a música numa lógica preventiva e curativa, muitos eram os que a aconselhavam e demonstravam seus enormes benefícios. Pitágoras desenvolveu a noção de cura através dos intervalos rítmicos da melodia musical, considerando que a música continha efetivos poderes curativos quando bem empregados, intitulando esta terapêutica como 'purificação' (OLIVEIRA; GOMES, 2014, p. 755).

De acordo com Ferreira (2015, p.11):

Na Grécia Antiga, Sócrates e Platão acreditavam que a música era capaz de curar a alma das pessoas. Com o passar do tempo a música como tratamento deixou de ser associado a conceitos médicos do sobrenatural e passou a ser visto de maneira racional. Na idade Média, a hegemonia do cristianismo se preocupou com a influência que a música podia exercer aos seus fiéis e, no século 17, a utilização da música nas instituições psiquiátricas cresceu fazendo surgir as primeiras obras na área dedicadas à musicoterapia.

Dentro de uma linha histórica que perpassa diferentes hábitos e costumes, Godoy (2014), faz uma observação mais criteriosa sobre a história, o que anuncia, em seguida um marco histórico científico:

Como em outros artigos de enorme fundamentação e relevância teórica, seria possível começar aprofundando constatações históricas da relação: música-homem-terapia ainda desprovida de uma nomenclatura como hoje é a Musicoterapia, ou seja, escrevendo e traçando um desenho da história da música e sua relação com o homem, também sendo utilizada com características terapêuticas (GODOY, 2014, p. 8).

Costa (1991) acrescenta que as noções de doença do Império Romano foram apropriadas a partir dos conhecimentos gregos. Até o fim do Império Romano esses conhecimentos permaneceram, embora a visão grega era mais pautada na razão e racionalidade. Durante o crescimento do Império Romano, houve várias influências de outros povos e culturas, sendo a metafísica, práticas mágicas e o uso de drogas milagrosas relacionados a cura de doenças que neste período obscureceu várias técnicas que, até então tinham sido abordadas de maneira empírica. Na Idade Média no século XI “surgem as primeiras escolas médicas, que retornam as tradições greco-latinas, porém bastante impregnadas pelo código religioso” (COSTA, 1991, p.21).

O Renascimento através da valorização do humano, conhecimento e da racionalidade permite retomar no século XV, a integração do metafísico ao método racional filosófico começa a descortinar o pensamento mágico e passa a propor explicações concretas acerca dos fenômenos invisíveis e que o ser humano ainda não compreendia (COSTA, 1991). Costa (1991), apresenta os escritos de um autor desta época, Marsile Ficin. Nos escritos de Marsile Ficin, é possível perceber a riqueza de uma narrativa rica em detalhes, que buscava compreender o poder do som e da música a partir dos saberes da época. O trecho a seguir, é atribuído à Marsile Ficin por Costa (1991, p. 23):

o som musical, pelo movimento do ar, move o corpo: pelo ar purificado, excita o espírito aéreo que é o laço entre o corpo e a alma; pela significação, toca o intelecto; finalmente, pelo movimento mesmo do ar sutil, penetra profundamente e com veemência; por sua harmonia, acaricia suavemente; pela conformidade de sua qualidade, nos inunda de uma maravilhosa volúpia; por sua natureza, tanto espiritual quanto material, colhe de um só golpe o homem inteiro e o possui completamente.

No século XVIII com a Revolução Industrial, profundas transformações ocorreriam no mundo. Costa (1991) enuncia que a partir deste marco histórico pode-se observar em diversos relatos “sobre os tipos e dos instrumentos que deveriam ser empregados conforme os casos indicados para o tratamento e, até mesmo, sobre

quais músicas seriam mais adequadas a situação dos doentes” (COSTA, 1991, p. 29). No campo da psiquiatria, Chomet (1846 apud COSTA, 1991, p. 129) descreve em seu livro *“The influence of music on health and life”*: “se aplicarmos a música ao tratamento ao alívio de uma enfermidade, devemos conhecer necessariamente a maneira de viver do paciente, seu caráter, seu temperamento, seus hábitos e suas paixões”.

Godoy (2014), informa que o marco científico dos estudos sobre musicoterapia só ocorreu no final da Segunda Guerra Mundial. De acordo com o autor:

Como ciência, a musicoterapia ganhou forma no final da Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, quando os médicos perceberam que, ao ouvirem os músicos tocar os enfermos de guerra melhoravam de forma significativa, tanto emocional quanto fisiologicamente, a ponto de receberem alta antes do previsto. Foi a partir daí que o corpo clínico iniciou diversos estudos para compreender os efeitos terapêuticos que a música proporciona na saúde mental, neurológica e emocional e, em 1944, surgiu o primeiro curso de musicoterapia (GODOY, 2014, p. 11).

Diante do cenário caótico da Segunda Guerra Mundial, a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade focaram no alívio das dores de perdas de entes queridos, nas sequelas deixadas pelas batalhas, tanto mental como físicas. A música em forma de terapia, como relatado por Godoy (2014), passou a ser foco de estudo através de um alcance de viés emocional e sentimental, que trouxe uma série de desdobramentos para a valorização da musicalidade.

De acordo com os registros compilados pela UBAM (2021, s/p):

No Brasil, a carreira de musicoterapeuta iniciou-se em 1970 com o curso de especialização em Musicoterapia no Paraná na antiga Faculdade de Educação Musical do Paraná (FEMP), posteriormente Faculdade de Artes do Paraná e atualmente Universidade Estadual do Paraná, e em 1972, o Conservatório Brasileiro de Música abriu o curso de Graduação em Musicoterapia no Rio de Janeiro. Com isso, em 1978 a Musicoterapia foi reconhecida como carreira de nível Superior pelo parecer Nº 829/78 no Conselho Federal de Educação. Em 2001 foi apresentado o projeto de lei original Nº 4827/2001 dispondo sobre a regulamentação do exercício da profissão de musicoterapeuta.

Atualmente a Musicoterapia consta na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO sob o número 2263-05, fazendo parte de procedimentos realizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) entendida como Práticas Integrativas Complementares, também faz parte do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e nas políticas públicas (UBAM, 2021, s/p). Encontra-se também em espaços privados, particulares e institucionais em todo o Brasil. No Brasil divide-se em associações por regiões, citando de acordo com a UBAM (Quadro 1):

Quadro 1. Associações de Musicoterapia no Brasil.

<p>MUSICOTERAPIA NO SUL Associação de Musicoterapia do Rio Grande do Sul - AMT – RS; Associação Catarinense de Musicoterapeutas – ACAMT; Associação de Musicoterapia do Paraná - AMT – PR.</p> <p>MUSICOTERAPIA NO SUDESTE Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo – APEMESP; Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro - AMT – RJ; Associação de Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de Minas Gerais – APEMEMG; Associação de Musicoterapeutas do Espírito Santo – AMTES.</p> <p>MUSICOTERAPIA NO NORDESTE Associação Baiana de Musicoterapia – ASBAMT; Associação de Musicoterapia de Pernambuco - AMT – PE; Associação de Musicoterapia do Ceará- AMT – CE; Associação de Musicoterapia do Piauí - AMT – PI; Associação de Musicoterapia do Maranhão - AMT – MA.</p> <p>MUSICOTERAPIA NO NORTE Associação de Musicoterapia do Pará - AMT – PA.</p> <p>MUSICOTERAPIA NO CENTRO-OESTE Associação Goiana de Musicoterapia – AGMT; Associação de Musicoterapia do Distrito Federal - AMT – DF.</p>
--

Fonte: Site da UBAM, 2021.

Tomando como base de dados o Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB), a graduação em sua grade curricular tem como plano de estudos as disciplinas: Corporeidade e Psicomotora, Universidade e Extensão, Movimento e Percussão A, Corpo e Percepção Musical B, Corpo e Percepção Musical C, Musicoterapia e Prática Vocal A., Música e Movimento, Folclore Brasileiro: Danças e Folguedos e Musicoterapia.

A UBAM entende a formação de um musicoterapeuta em nosso contexto brasileiro a partir de três eixos, são eles: disciplina, prática e profissão. De acordo com a UBAM (2021, s/p) “Musicoterapia é um campo de conhecimento que estuda os efeitos da música e da utilização de experiências musicais, resultantes do encontro entre o/a musicoterapeuta e as pessoas assistidas”. Como finalidade a UBAM apresenta o musicoterapeuta como um profissional objetivado em:

favorecer o aumento das possibilidades de existir e agir, seja no trabalho individual, com grupos, nas comunidades, organizações, instituições de saúde e sociedade, nos âmbitos da promoção, prevenção, reabilitação da saúde e de transformação de contextos sociais e comunitários; evitando dessa forma, que haja danos ou diminuição dos processos de desenvolvimento do potencial das pessoas e/ ou comunidades (UBAM, 2021, s/p).

De acordo com a UBAM (2021, s/p), a musicoterapia pode ser aplicada nos seguintes âmbitos:

- promoção da saúde;
- promoção da aprendizagem;
- mudança de contextos sociais;
- promoção da qualidade de vida das pessoas, grupos e comunidades.

Destaca-se que “o musicoterapeuta pode atuar em áreas como: Saúde, Educação, Social / Comunitária, Organizacional, entre outras.” (UBAM, 2021, s/p).

A Musicoterapia tem como objetivo a observação e o estudo a partir de propriedades sonoras, que estimuladas pela música são capazes de produzir respostas positivas nos tratamentos de pacientes. Nesta citação do artigo de Anjos, et.al. (2017, p. 230), a musicoterapia pode ser definida “um tipo de intervenção que visa à prevenção, ao desenvolvimento ou à restauração de funções e potenciais do indivíduo, a partir do processo musicoterapêutico.” (TREURNICHT et al., 2011 apud ANJOS et al. 2017, p. 230).

Tal aplicação pode explicar a relevância do porquê a Psicologia pode adotar a Musicoterapia como ferramenta mediadora a ser explorada em seus diversos contextos, dentre eles o foco para o tratamento da ansiedade. Portanto é importante conhecer os relatos de estudos que apresentam a aplicação e o conjunto das práticas da musicoterapia e psicologia, a fim de caracterizar e indicar os benefícios e desafios da utilização conjunta destas áreas. A exemplo destas mediações, pode-se citar o trabalho de Oliveira e Gomes (2014), que realça a musicoterapia com o papel de intervir nas patologias em que se necessitam cuidados especiais como: “desenvolvimento motor, da linguagem e da cognição; estudo do cérebro – hemisférios cerebrais: suas funções e estruturas; comportamento”; e das demandas emergenciais e necessidades prioritárias de pacientes em que os processos essenciais de comunicação estão comprometidos: “A vertente comunicacional é uma das mais importantes e capacitadoras da musicoterapia pois indivíduos com limitações desta natureza têm a possibilidade de se expressar através da produção de sons musicais” (OLIVEIRA; GOMES, 2014).

Não existe uma definição única de Musicoterapia. É muito comum encontrar definições do conceito de musicoterapia a partir das especificidades da formação do musicoterapeuta ou do profissional que a utiliza. Desta forma, das produções

analisadas para a composição deste texto, cada artigo descreveu a utilização das músicas e sons utilizados, conforme o contexto e procedimentos adotados perante as finalidades e os objetivos das pesquisas.

Para Benenzon (1988, p.11) “a Musicoterapia é o campo da medicina que estuda o complexo som – ser humano – som, para utilizar o movimento, o som e a música, com o objetivo de abrir canais de comunicação no ser humano”. Os efeitos terapêuticos visam produzir reabilitação e inclusão social além de ser um agente psicoprofilático, ou seja, atuar na prevenção de problemas mentais com o uso das técnicas da Psicologia.

Frohne (1991, p.35-38), dentro da psiquiatria, não apenas traz o seu conceito sobre a musicoterapia, mas também explica seu método a partir da sua utilização através da Gestalt-terapia:

A Musicoterapia e a Gestalt-terapia têm em comum a concentração no aqui e agora, a experiência presente do que está penetrando no primeiro plano da percepção. O aqui e agora, no entanto, não é anti-histórico – abrange passado e futuro e o horizonte do mundo social e ecológico.

Frohne (1991, p.35-38), compreende o alcance que a musicoterapia, assim como ocorre na Gestalt-terapia, objetivam: “a experimentação de sentimentos, impulsos, material reprimido e áreas dissociadas da personalidade, e encorajam os pacientes a expressar suas experiências e fantasias através de meios criativos, como a música”. Na educação social como na psiquiatria, a musicoterapia para a visão da autora, torna-se uma prática bem-sucedida enquanto meio que permite com que as potencialidades venham à tona. A partir de uma via de acesso aos conteúdos imaginários da criança, por exemplo, sobre a supervisão do profissional terapeuta, a música é capaz de evitar que a criança visite lugares de sua imaginação de medo e confusão, e permaneça com seu eu consciente o mais longe possível do horizonte de conflitos, sentindo-se muito mais segura e apta à aceitação e participação da realidade.

Em um importante conceito que é trazido por Bruscia (2000, p.14-15), e que revela elementos determinantes de sua visão enquanto escritor, teórico musical e musicoterapeuta, pode ser observada a relevância da influência musical na cultura:

O que tudo isso tem a ver com definir musicoterapia? Tudo! A forma como uma cultura define e utiliza a música determina se ela é considerada relevante para a medicina, para a cura e para a terapia; e, paralelamente, a forma como uma cultura vê a medicina, a cura e a terapia, determina quão relevante a música é para ela (BRUSCIA, 2000, p.14).

Os fatores que diferenciam as culturas, serão as multifacetadas características enquanto valores, que explicam esses elementos que compõe os conceitos encontrados neste estudo. Suas definições enfatizam ideias determinantes no que contribui para o “DNA” de universalidade que comporta a musicoterapia.

O conceito de musicoterapia segundo Romão (2015), preocupa-se em descrevê-la enquanto modalidade terapêutica utilizada para o tratamento físico, mental, intelectual, cognitivo e nos aspectos em que a sociedade impacta o ser humano, através de suas experiências relacionadas a música e ao som. Para Bruscia (2000 apud ROMÃO, 2015, p. 22), a “musicoterapia é um processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover a saúde utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança”.

A definição a seguir, encontrada na União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM), propõe uma visão mais abrangente ao contemplar as diferentes demandas que surgem nas descrições das práticas musico terapêuticas. De acordo com a Federação Mundial de Musicoterapia (World Federation of Music Therapy), apud.:

A Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. (REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA, 1996, p.4)

A Musicoterapia contempla, na totalidade de suas definições, o que podemos entender como uma ferramenta mediadora que, ao promover a saúde mental de posse de uma específica e inigualável potência de alcançar o íntimo do ser humano em seu processo de cura, explica a complexidade e eficiência técnica, que mesmo ainda pouco explorada e reconhecida profissionalmente, a faz desempenhar um papel único onde estiver presente.

Em síntese, através dos conceitos explanados acima, a musicoterapia é a ciência que visa compreender, a partir de uma dimensão física, biológica, social e histórica do ser humano, a dinâmica das intersecções que a música como instrumento de ação e de linguagens figuradas e abstratas, é capaz de alcançar sensorialmente, desde as instâncias mais profundas do inconsciente e da memória, até as camadas mais próximas da consciência e do consciente.

O objetivo deste estudo foi caracterizar produções bibliográficas sobre intervenções de musicoterapia para o controle da ansiedade a partir de estudos empíricos brasileiros, publicados nos últimos 10 anos. A eleição do tema decorreu do fato da ansiedade ser fenômeno estudado há muito tempo pela Psicologia e por se compreender que a musicoterapia pode contribuir para a melhora do quadro de pessoas acometidas por sintomas de ansiedade. Segundo o DSM-5 (APA, 2014, p. 189):

Os transtornos de ansiedade incluem transtornos que compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. Medo é a resposta emocional a ameaça iminente real ou percebida, enquanto ansiedade é a antecipação de ameaça futura.

A ansiedade pode ser incapacitante e geradora de muito mal-estar. Além disso, sentir-se ansioso é uma condição experimentada em vários contextos da vida, o que caracterizará a ansiedade como algo patológico são os seus efeitos. Espera-se que essa pesquisa contribua para demonstrar o quanto a musicoterapia e suas técnicas podem ser úteis para o controle da ansiedade em diferentes contextos de intervenção.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

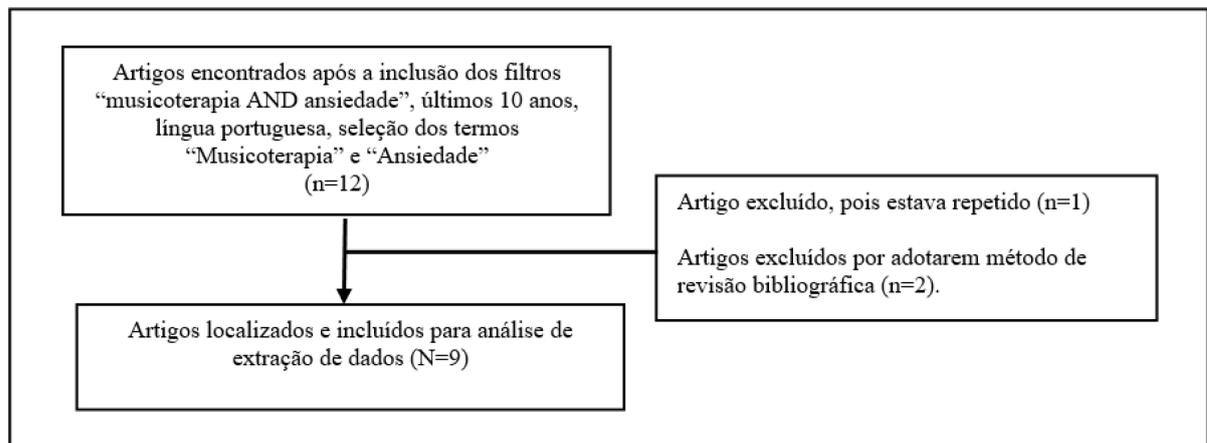
A natureza desta pesquisa é qualitativa com delineamento de pesquisa bibliográfica. Neste estudo a pesquisa bibliográfica seguiu o planejamento de uma revisão integrativa. De acordo com Mendes (2008 apud MARTINS, 2018, p. 15-16):

a revisão integrativa permite a inclusão de estudos de diferentes delineamentos (estudos primários e teóricos) [...] proporciona aos profissionais de saúde dados relevantes de um determinado assunto, em diferentes lugares e momentos, mantendo-os atualizados e facilitando as mudanças na prática clínica como consequência da pesquisa.

O estudo foi classificado como qualitativo pois buscou caracterizar produções bibliográficas sobre intervenções de musicoterapia para o controle da ansiedade a partir de estudos empíricos brasileiros, publicados nos últimos 10 anos. Quanto aos objetivos a pesquisa possui caráter descritivo, pois buscou encontrar relações entre as intervenções realizadas e suas consequências para o controle da ansiedade, baseadas nas descrições apresentadas nos artigos.

A busca pelas fontes de informação foi realizada na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Salud), disponível no link <https://bvsalud.org/>. Para a realização da busca, foi utilizado o descritor “musicoterapia AND ansiedade”. Os critérios de inclusão balizaram-se pelas produções de artigos empíricos, com enfoque nas relações entre musicoterapia e ansiedade, estudos publicados apenas nos últimos 10 anos, em língua portuguesa e que possuíam o texto completo para acesso por meio da base de dados. Na opção assunto principal foi realizada a seleção dos assuntos “Musicoterapia” e “Ansiedade”. Com base nesses filtros foram recuperados 12 artigos com textos completos. Destes 12 artigos encontrados, 1 foi excluído pois tratava-se de um estudo repetido e 2 foram excluídos pois tinham delineamento baseado em revisão de literatura (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma da seleção de dados



Fonte: o autor, 2021.

Com base nesses filtros, restaram 9 artigos que foram lidos na íntegra e incluídos para a análise nesse estudo (Quadro 2).

Quadro 2 – Artigos recuperados a partir dos critérios de inclusão adotados na pesquisa

Nº	Autores	Título do artigo	Revista	Ano de Publicação
1	PEREIRA, A. C. A. et al.	Efeito da musicoterapia sobre os parâmetros vitais, ansiedade e sensações vivenciadas no período gestacional.	<i>Revista Baiana De Enfermagem</i>	2021
2	MELO, Geórgia Alcântara Alencar et al.	Intervenção musical sobre a ansiedade e parâmetros vitais de pacientes renais crônicos: ensaio clínico randomizado.	<i>Revista Latino-Americana de Enfermagem</i>	2018
3	OLIVEIRA, Clara Martins de et al.	Audição Musical para Alívio da Ansiedade do Acompanhante Pediátrico.	<i>Revista Baiana Enfermagem</i>	2018

4	SILVA, Karla Gualberto; TAETS, Gunnar Glauco de Cunto; BERGOLD, Leila Brito.	A utilização da música em uma unidade pediátrica: contribuindo para a humanização hospitalar.	<i>Revista Enfermagem UERJ</i>	2017
5	FIRMEZA, Mariana Alves et al.	Uso da música no controle da ansiedade em ambulatório de cabeça e pescoço: ensaio clínico randomizado.	<i>Revista da Escola de Enfermagem da USP</i>	2017
6	PINTO JUNIOR, Francisco Edilson Leite et al.	Influência da Música na Dor e na Ansiedade decorrentes de Cirurgia em Pacientes com Câncer de Mama.	<i>Revista Brasileira de Cancerologia</i>	2012
7	LEAL, Luzia Borges et al.	Vivências paternas de bebês prematuros, musicoterapia e posição canguru: análise de conteúdo.	<i>Revista Brasileira Online de Enfermagem</i>	2021
8	PANACIONI, Graziela França Alves; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira.	Musicoterapia na promoção da saúde: contribuindo para o controle do estresse acadêmico.	<i>Revista OPUS</i>	2012
9	FRANZOI, Mariana André Honorato et al.	Audição musical para alívio da ansiedade em crianças no pré-operatório: ensaio clínico randomizado.	<i>Revista Latino Americana de Enfermagem</i>	2016

Fonte: o autor, 2021.

Os textos foram analisados a partir de um roteiro de leituras, construído a partir dos objetivos específicos da pesquisa, que buscaram identificar: os objetivos das pesquisas analisadas, o público-alvo, contexto em que as pesquisas foram feitas, tipos de intervenção adotados e os resultados dos estudos. Esses objetivos foram tratados como categorias estipuladas a priori, que serviram de base para a extração dos dados coletados a partir da leitura dos artigos. Além de registrar partes dos artigos na íntegra que se relacionavam com as categorias definidas, também eram anotados no roteiro, observações que emergiam a partir da leitura dos textos e que serviram posteriormente para a elaboração da seção de resultados da pesquisa. Um modelo desse roteiro pode ser visualizado no Quadro 3:

Quadro 3 – Roteiro de coleta de dados

Categoria	Descrição	Trechos na íntegra dos artigos	Obs.
Objetivo geral do estudo	Descrição do objetivo geral da pesquisa		
Público-alvo	Descrição do público-alvo da pesquisa (crianças, adultos etc)		
Contexto	Contexto em que a pesquisa foi realizada (hospital, escolar etc)		
Tipo de intervenção	Descrição do público-alvo/participantes da pesquisa		
Resultados dos estudos	Descrição dos principais achados/resultados do estudo		

Fonte: O autor, 2021.

Na descrição dos resultados, as categorias “objetivo geral do estudo”, “público-alvo” e “contexto” foram apresentadas de forma conjunta. Também foram reunidas as categorias “tipo de intervenção” e “resultados dos estudos”. A decisão de optar por apresentar os artigos reunidos em categorias, pautou-se na finalidade de entregar ao leitor, uma melhor compreensão e descrição acerca das temáticas, através de uma apresentação mais dinâmica, clara e objetiva.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 SOBRE O CONTEXTO EM QUE AS PESQUISAS FORAM REALIZADAS, PÚBLICO-ALVO E OBJETIVO GERAL

Durante a leitura dos trabalhos verificou-se que dos 9 estudos analisados, 7 ocorreram em ambiente hospitalar (Quadro 4), sendo que um estudo ocorreu numa clínica-escola de enfermagem, ambiente que também está associado ao contexto da saúde e apenas um estudo ocorreu em contexto educacional. A maioria dos estudos ($n=7$) são publicações realizadas em revistas/periódicos da área da enfermagem (Estudos 1, 2, 3, 4, 5, 7, e 9), o que contribuiu para o maior número de estudos focados no contexto da hospitalar. Assim, pode-se afirmar que a área da enfermagem tem contribuído para a realização de estudos sobre o uso da musicoterapia no campo da saúde. Infelizmente, a busca realizada não encontrou nenhum estudo realizado no âmbito da Psicologia.

Quadro 4 – Contextos em que as pesquisas foram realizadas, público-alvo e objetivos dos estudos.

Contexto	Público-alvo	Objetivo	Artigo
Clínica-escola de enfermagem	Gestantes ($n=30$)	Avaliar o efeito da musicoterapia sobre os parâmetros vitais, ansiedade e as sensações vivenciadas no período gestacional.	1
Ambiente hospitalar	Doentes renais crônicos ($n=60$)	Avaliar o efeito de uma intervenção musical sobre a ansiedade e parâmetros vitais em doentes renais crônicos em comparação ao cuidado convencional de clínicas de hemodiálise.	2
Ambiente hospitalar	Adultos – acompanhantes de crianças no pós-operatório ($n=62$)	Investigar os efeitos da audição musical sobre os níveis de ansiedade pós-operatória de acompanhantes de crianças submetidas a cirurgias em comparação ao cuidado convencional de uma clínica cirúrgica pediátrica.	3

Ambiente hospitalar	Crianças hospitalizadas (n=20)	Descrever a percepção das crianças hospitalizadas sobre as atividades musicais realizadas no ambiente hospitalar e analisar a relação entre música e humanização hospitalar.	4
Ambiente hospitalar	Pacientes com câncer (n=40)	Avaliar a efetividade de uma intervenção musical na redução de ansiedade e parâmetros vitais em pessoas acometidas por câncer de cabeça e pescoço.	5
Ambiente hospitalar	Pacientes com câncer (n=29)	Avaliar a influência da música na ansiedade e na dor, em pacientes com câncer de mama que se submeteram à cirurgia.	6
Ambiente hospitalar	Pais de crianças recém-nascidas (n=6)	Compreender as vivências e percepções paternas em relação à realização da posição canguru associada ou não a música.	7
Educacional - Universidade	Estudantes universitários de graduação e pós-graduação (n=9)	Investigar o efeito da Musicoterapia no controle do estresse de um grupo de graduandos e pós-graduandos e verificar o efeito da Musicoterapia na qualidade de vida desses sujeitos.	8
Ambiente hospitalar	Crianças hospitalizadas para cirurgias eletivas (n=52)	Investigar os efeitos da audição musical, por 15 minutos, nos níveis de ansiedade pré-operatória de crianças submetidas a cirurgias eletivas em comparação ao cuidado convencional de uma clínica cirúrgica pediátrica.	9

Fonte: O autor, 2021

Foi possível identificar também que em relação ao público-alvo, 3 estudos foram realizados com pacientes possuindo doenças crônicas (estudos 5 e 6 pacientes com câncer e estudo 2 pacientes com problemas renais), 2 estudos foram realizados com crianças hospitalizadas (estudos 4 e 9). Um estudo foi realizado com mulheres gestantes (estudo 1), um estudo com adultos que acompanhavam o pós-operatório de crianças (estudo 3), um estudo realizado com pais de crianças recém-nascidas (estudo 7) e um estudo com estudantes universitários de graduação e pós-graduação (estudo 9).

Ainda conforme indicado no Quadro 4, é possível identificar que a maioria dos estudos ($n=7$) foram realizados com o objetivo de avaliar ou investigar o efeito, influência ou efetividade da musicoterapia sobre a ansiedade (estudos 1, 2, 3, 5, 6, 8 e 9). Destes estudos, 6 envolviam a ansiedade no contexto hospitalar e um relacionado com o período gestacional. Percebe-se que na maioria dos casos, a musicoterapia é utilizada nos contextos de saúde, com a finalidade de promover o bem-estar das pessoas atendidas (UBAM, 2021, s/p). No entanto, o fato dessa prática ainda não ser tão reconhecida socialmente, torna importante estudos que tenham como objetivo mostrar a eficácia da atividade do musicoterapeuta. Conforme indicou Godoy (2014), ainda são muitos os estereótipos que envolvem a atividade do musicoterapeuta no ambiente acadêmico e profissional da saúde. Logo, a importância da realização de estudos que indiquem que o uso da musicoterapia produz efeitos de

bem-estar nas pessoas atendidas por essa prática, serão um importante aliado para divulgação e reconhecimento musicoterapia como profissão.

3.2 SOBRE OS TIPOS DE INTERVENÇÃO E OS RESULTADOS ENCONTRADOS

Em relação aos tipos de intervenção e os resultados encontrados, foi possível perceber uma predominância de intervenções baseadas em audições de músicas (estudos 1, 2, 3, 6 e 9). De acordo com Bruscia (2000 apud PANACIONI; ZANINI, 2012, p. 235), “a experiência de ouvir pode focar os aspectos físicos, emocionais, intelectuais, estéticos, ou espirituais da música e as respostas do cliente são moduladas de acordo com o objetivo terapêutico da experiência”.

Nos estudos que utilizaram dessa estratégia de intervenção, a audição musical visou diminuir a ansiedade dos participantes. No geral, os métodos das pesquisas envolviam a mensuração da ansiedade, realizada antes e após a audição musical. E, em seguida era realizada a comparação entre os resultados do próprio grupo, quando a pesquisa era realizada com grupo único ou com o grupo controle, quando o estudo era realizado com dois grupos (grupo experimental e grupo controle). A síntese dos procedimentos realizados e seus resultados, podem ser conferidos no Quadro 5.

Quadro 5 – Tipos de intervenção e síntese dos resultados.

n	Tipo de intervenção	Resultado positivo		Síntese dos resultados
		Sim	Não	
1	Audição de músicas clássicas antes e depois de serem realizadas medidas de sinais vitais e de ansiedade.	x		Após a exposição à música, as gestantes apresentaram melhores índices nas medidas dos sinais vitais e dos níveis de ansiedade.
2	Ensaio clínico controlado randomizado realizado com 60 participantes (30 grupo experimental e 30 grupo controle). Os participantes do GE realizaram audição musical por 30 minutos. Após este período foi aplicado um instrumento para medir a ansiedade dos participantes e seus sinais vitais.	x		Houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos no que diz respeito à ansiedade durante a sessão de hemodiálise.
3	Estudo quase-experimental. Os participantes do grupo experimental realizaram audição musical . Ambos os grupos tiveram os indicadores fisiológicos aferidos, nível de ansiedade mensurado por meio do Inventário de Ansiedade Traço-Estado e responderam um questionário estruturado para caracterização da amostra.	x		GE apresentou médias mais elevadas e estatisticamente significativas nos itens do Inventário de Ansiedade Traço-Estado sentir-se “à vontade”, “descansado”, “descontraído” e “satisfeito” em relação ao GC, após a audição musical.

4	Atividades musicais realizadas na brinquedoteca do hospital, que envolveu uso de músicas tradicionais infantis executadas pela pesquisadora. Após o desenvolvimento das atividades musicais as crianças voltaram para as suas enfermarias e participavam individualmente de uma entrevista semiestruturada e realizavam um desenho. O material foi analisado com a técnica de análise de conteúdo de Bardin.	x		A avaliação da atividade através das entrevistas e desenhos aponta que a totalidade das crianças referiram sentirem-se mais animadas, alegres e felizes após atividade musical.
5	Ensaio clínico controlado, randomizado, realizado em ambulatório de cabeça e pescoço com 40 participantes, subdivididos em dois grupos (intervenção e controle). Foi utilizada como intervenção a música clássica "Suave primavera" das quatro estações de Vivaldi. Como instrumento de coleta de dados foi empregado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) e um inventário de dados sociodemográficos e clínicos. O teste t de Student foi utilizado para verificar a significância estatística intragrupo e intergrupos.	x		Os participantes apresentaram redução estatisticamente significante nos níveis de ansiedade percebida bem como sinais vitais.
6	Realização de ensaio clínico controlado, com randomização simples. As pacientes foram divididas nos grupos GE e GC. A intervenção musical foi realizada com audição musical da obra "As quatro estações" de Vivaldi. Todas as pacientes foram submetidas, no pré-operatório imediato, ao Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE-Estado), sendo verificados, também, os parâmetros fisiológicos (pressão arterial, temperatura, saturação sanguínea, frequência respiratória e cardíaca). No dia seguinte, foram aplicadas as escalas de dor, em ambos os grupos. Os dados foram analisados pelo software estatístico BioEstat, versão 5.0, com nível de significância estabelecido em 5,0%, sendo utilizado teste t-Student pareado.	x		Não houve resultados significativos de diferenças para a dor, porém houve diferenças significativas da redução da ansiedade nos pacientes do GE.
7	Para a coleta de dados foi necessário que o pai do recém-nascido realizasse dois momentos de posição canguru com o bebê. No primeiro momento, realizou no período de uma hora e no segundo momento, por mais uma hora, porém dessa vez foi colocada uma música para o recém-nascido. A música foi disponibilizada para o bebê por meio de fone de ouvido, no qual foi realizada a desinfecção antes e após o uso, e posteriormente eram conectados a um aparelho de DVD que havia uma música gravada, mantida a um volume máximo de 35 dB. Esta música era uma canção de ninar que ao fundo possuía o som do útero materno, a qual foi validada por uma musicoterapeuta para tal intervenção. Os fones de ouvido foram dispostos próximo a região auricular do bebê sem tocá-lo para que nenhum tipo de desconforto fosse gerado por tal dispositivo. Após esses dois momentos foi realizada uma entrevista com o pai. Posteriormente, foi realizada a análise de conteúdo das entrevistas.	x		A musicoterapia associada a posição canguru configurou-se para o pai como um momento de fortalecimento do vínculo pai e filho, bem como redução de sentimento de tristeza e ansiedade.
8	Foram realizadas dez sessões semanais, com duração de sessenta a noventa minutos. A musicoterapeuta pesquisadora utilizou as experiências musicais descritas por Bruscia (2000): recriação, improvisação, composição e audição musicais. O questionário ISSL foi aplicado aos sujeitos no início da pesquisa, antes de se iniciarem os atendimentos musicoterapêuticos, e ao final, após os sujeitos da pesquisa terem participado de todos os atendimentos. Além do ISSL, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: questionários sociodemográficos; fichas musicoterápicas (com	x		Os resultados evidenciam que a Musicoterapia pode contribuir para a promoção da saúde, controle do estresse e para a melhoria da qualidade de vida dos acadêmicos.

	dados da história sonorumusical) e relatórios das sessões de Musicoterapia.			
9	Estudo piloto do tipo ensaio clínico controlado randomizado realizado com 52 crianças no período pré-operatório, de 3 a 12 anos, submetidas a cirurgias eletivas e alocadas aleatoriamente para o grupo experimental (n = 26) e grupo controle (n = 26). A ansiedade foi avaliada em ambos os grupos, por meio da Escala de Ansiedade Préoperatória de Yale modificada e pela mensuração das dimensões fisiológicas, na chegada e 15 minutos após a primeira mensuração. A intervenção foi feita por meio de audição musical .	x		Houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos em relação à ansiedade pré-operatória somente na dimensão fisiológica. O grupo experimental apresentou redução estatisticamente significativa dos escores de ansiedade após 15 minutos de audição musical (p = 0,0441), especificamente em relação aos domínios comportamentais de atividade, vocalização, expressão emocional e estado de despertar aparente.

*GC = Grupo controle e GE = Grupo Experimental.

Fonte: O autor, 2021

Conforme pode ser observado, a maioria dos estudos (n=7) utilizou de enfoques quantitativos, para medir os efeitos da musicoterapia em relação aos níveis de ansiedade apresentados pelos participantes. Apenas os estudos 4 e 7, utilizaram o enfoque qualitativo para a realização dos estudos. No entanto, como resultado da leitura dos artigos, foi possível identificar que todos os estudos analisados concluíram que a intervenção baseada em musicoterapia contribuiu para a diminuição da ansiedade dos participantes.

Esses dados corroboram com os achados de uma revisão sistemática, realizada por Neres et al. (2019), que buscou determinar a efetividade da musicoterapia na redução da ansiedade de pacientes oncológicos. O referido estudo analisou apenas ensaios clínicos randomizados, que utilizaram a musicoterapia como intervenção em amostras de indivíduos adultos diagnosticados com câncer (NERES et al., 2019). Após o exame de 8 estudos, Neres et al. (2019) concluíram que a musicoterapia é efetiva para a redução da ansiedade de pessoas com câncer.

Na pesquisa realizada por Ferrini e Moura (2021), foi realizada uma revisão da literatura sobre o uso da musicoterapia durante a hemodiálise. Nessa revisão, foram analisados “nove artigos, sendo oito direcionados à população adulta e apenas um voltado para unidade de hemodiálise pediátrica. Desse total, seis trabalhos foram realizados por profissionais da saúde, e apenas três por musicoterapeutas” (FERRINI; MOURA, 2021, p. 1). Este estudo de revisão concluiu que a musicoterapia pode promover conforme resultados analisados, acolhimentos e redução do estresse dos pacientes. Tais benefícios podem ser verificados mesmo em intervenções realizados

por profissionais de saúde que não são musicoterapeutas, o que pode ser um indicador do seu uso no campo da Psicologia, por exemplo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou caracterizar produções bibliográficas sobre intervenções de musicoterapia para o controle da ansiedade a partir de estudos empíricos brasileiros, publicados nos últimos 10 anos. Foi possível perceber, a partir dos estudos encontrados, resultados positivos para o uso da musicoterapia para o controle da ansiedade. Porém, a maioria dos estudos encontrados tiveram como contexto de intervenção o ambiente hospitalar, sendo que a audição foi a técnica mais empregada. Apesar de considerar esses achados importantes, não foram encontrados estudos que tratassem de intervenções referentes a transtornos de ansiedade, como por exemplo, em casos de fobias específicas, síndrome do pânico, ansiedade generalizada etc.

Também não foi possível identificar estudos que abordassem a prática da musicoterapia junto ao contexto clínico da psicologia, como tratamento ou oferta de técnicas voltadas para o tratamento da ansiedade. Logo, recomenda-se que novos estudos possam ser realizados com o objetivo de investigar os possíveis ganhos da integração entre o trabalho multiprofissional do psicólogo e musicoterapeuta. Recomenda-se ainda que outras pesquisas sejam realizadas, com o objetivo de investigar a eficácia da musicoterapia em relação a outros transtornos, como depressão, esquizofrenia, transtorno do espectro autista etc. Tais pesquisas seriam úteis para reunir achados do campo da musicoterapia que poderão servir de subsídio para a prática do psicólogo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

ANJOS, Alexandre Gonzaga dos; MONTANHAUR, Carolina Daniel; CAMPOS, Érico Bruno Viana; PIOVEZANA, Ana Luiza Ribeiro Pereira Dias; MONTALVÃO, Joana Santos; NEME, Carmen Maria Bueno. MUSICOTERAPIA COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA COM CRIANÇAS: uma revisão da literatura. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, São Paulo, v. 10, p. 228-238, 2017. Semestral.

ARNDT, Andressa Dias; MAHEIRIE, Kátia. A música como mediadora de encontros em um CRAS. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 439-452, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 13 abr. 2021.

BENENZON, Rolando. **Teoria da Musicoterapia**: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988. p.182.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

COSTA, Clarice Moura. **O Despertar Para o Outro**: musicoterapia. 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1991. 128 p

DORO, Maribel Pelaez et al. Psicologia e musicoterapia: uma parceria no processo psicoativo dos pacientes do Serviço de Transplante de Medula Óssea. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 105-130, jun. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582015000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 abr. 2021.

FERREIRA, Michelle de Melo. **Construção e Gestão do Conhecimento no Ensino Superior de Musicoterapia no Brasil**. Revista Brasileira de Musicoterapia, n° 19, p. 8-21, 2015.

FERRINI, Lucila; MOURA, Rita de Cássia. Musicoterapia durante a Hemodiálise: Uma Revisão de Literatura. **Revista Neurociências**, v. 29, p. 1-19, 2021. Disponível em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/11533/8584>. Acesso em 10 de nov. 2021.

FIRMEZA, Mariana Alves et al. **Uso da música no controle da ansiedade em ambulatório de cabeça e pescoço: ensaio clínico randomizado**. Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]. 2017, v. 51 [Acessado 1 Novembro 2021], e03201. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1980-220X2016030503201>>. Epub 27 Mar 2017. ISSN 1980-220X. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2016030503201>.

FRANZOI, Mariana André Honorato et al. **Audição musical para alívio da ansiedade em crianças no pré-operatório: ensaio clínico randomizado**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 24, p. 01-09, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1121.2841>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rlae/a/WqtQqYSWpLs3YXsn6Pr8YJy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2021.

FROHNE, I. **Musicoterapia na educação social e na psiquiatria**. In: Música e Saúde. Ruud, E. (Org.) (1991). Trad. Vera Bloch Wrobel; Glória Paschoal de Camargo; Mirian Goldfeder. São Paulo: Summus, 1991.

GODOY, Diego Azevedo. **MUSICOTERAPIA, PROFISSÃO E RECONHECIMENTO: uma questão de identidade, no contexto social brasileiro**. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, São Paulo, p. 6-25, 2014. Anual.

LEAL, Luzia Borges et al. **Vivências do pai de recém-nascidos prematuros frente a musicoterapia e posição canguru: análise de conteúdo**. Revista Brasileira Online de Enfermagem, Paraná, v. 20, n. 9, p. 01-13, 18 out. 2021. Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa. <http://dx.doi.org/10.17665/1676-4285.20216509>. Disponível em:
<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/6509/pdf-pt>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MED, Bohumil. **Teoria da Música**. Musimed, 5. ed., Vade Mecum de teoria musical, Brasília, DF, p.11, 2017.

MELO, Geórgia Alcântara Alencar et al. **Intervenção musical sobre a ansiedade e parâmetros vitais de pacientes renais crônicos: ensaio clínico randomizado**. Revista Latino-Americana de Enfermagem [online]. 2018, v. 26 [Acessado 1 novembro 2021], e2978. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1518-8345.2123.2978>>. Epub 08 Mar 2018. ISSN 1518-8345.
<https://doi.org/10.1590/1518-8345.2123.2978>.

NERES, Carolina Barbosa et al. **Efetividade da Musicoterapia na Redução da Ansiedade de Pacientes Oncológicos: Revisão Sistemática**. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 65, n. 4, 2019. Disponível em
https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/01/1048724/efetividade-da-musicoterapia-na-reducao-da-ansiedade-de-pacien_iqS2g41.pdf. Acesso em 15 de nov. 2021.

OLIVEIRA, C. C.; GOMES, A. M. C. **Breve História da Musicoterapia, suas Conceptualizações e Práticas**. 2014. Disponível em:
 <[http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39982/3/S livro SPCE 2015 PCE2_EIXOS_BOOK CC \(2\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39982/3/S%20livro%20SPCE%202015%20PCE2_EIXOS_BOOK%20CC%20(2).pdf)>. Acesso em: 01 mai. 2021. p.754-764.

OLIVEIRA, Clara Martins de, et al. **Audição musical para alívio da ansiedade do acompanhante pediátrico**. Rev. baiana enferm., Salvador, v. 32, e28159, 2018. Disponível em
 <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-

86502018000100367&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2021. Epub 08-Abr-2019. <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v32.28159>.

PANACIONI, Graziela França Alves; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira. **Musicoterapia na promoção da saúde: contribuindo para o controle do estresse acadêmico**. Revista OPUS, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 225-256, maio 2012. ISSN 15177017. Disponível em: <<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/184>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

PEREIRA, Gláucia Tomaz Marques; OLIVEIRA, Paulyane Cristine da Silva. AS EXPERIÊNCIAS MUSICOTERÁPICAS NO PROJETO PSICOEDUCAÇÃO PARA FAMILIARES E CUIDADORES DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS: interdisciplinaridade entre musicoterapia e psicologia. **Revista Nupeart**, [S.L.], v. 14, n. 14, p. 91-101, 3 dez. 2018. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/2358092514142015091>.

PEREIRA, Ana Carolina Almeida et al. **Efeito da Musicoterapia sobre os parâmetros vitais, ansiedade e sensações vivenciadas no período gestacional**. Rev. baiana enferm. [online]. 2021, vol.35, e38825. Epub 21-Jun-2021. ISSN 2178-8650. <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v35.38825>. Disponível em: http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-86502021000100319

PINTO JUNIOR, Francisco Edilson Leite et al. **Influência da Música na Dor e na Ansiedade decorrentes de Cirurgia em Pacientes com Câncer de Mama**. Revista Brasileira de Cancerologia, Natal, v. 58, n. 2, p. 135-141, jan. 2012. Trimestral. Disponível em: http://www1.inca.gov.br/rbc/n_58/v02/pdf/03_artigo_influencia_musica_dor_ansiedad_e_decorrentes_cirurgia_pacientes_cancer_mama.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

PUCHIVAILO, Mariana Cardoso. HOLANDA, Adriano Furtado. A história da musicoterapia na psiquiatria e na saúde mental: dos usos terapêuticos da música à musicoterapia. Revista Brasileira de Musicoterapia, Ano XVI, nº 16, p. 122-142, 2014.

ROMÃO, Suzanne Liselee Schulz. OS DIFERENTES CAMINHOS DA MÚSICA – UM OLHAR SOBRE A MUSICOTERAPIA. Colloquium Humanarum, [S.L.], v. 12, n. , p. 1713-1720, 20 out. 2015. Associação Prudentina de Educação e Cultura (APEC). <http://dx.doi.org/10.5747/ch.2015.v12.nesp.000801.d>

SILVA, Karla Gualberto; TAETS, Gunnar Glauco de Cunto; BERGOLD, Leila Brito. **A utilização da música em uma unidade pediátrica: contribuindo para a humanização hospitalar**. Revista Enfermagem UERJ, [S.l.], v. 25, p. e26265, ago. 2017. ISSN 0104-3552. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/26265/22665>>. Acesso em: 11 nov. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/reuerj.2017.26265>.

RUUD, Even. **Caminhos da Musicoterapia**. Tradução de Vera Bloch Wroebel. São Paulo: Summus, 1990.

SANTOS, B. G.; DIONISIO, G. H.; Musicalidade e psicanálise. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 301-324, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010-48382018000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 30 de abril de 2021.

THERAPY, World Federation Of Music. What is music therapy? 2011. Federação Internacional de Musica terapia. Disponível em: <https://wfmt.info/wfmt-new-home/about-wfmt/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA. Definição Brasileira de Musicoterapia. 2018. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia/>. Acesso em: 11 maio 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. – IPUB (Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio De Janeiro). Curso de Graduação – Musicoterapia. Disponível em: <https://www.ipub.ufrj.br/musicoterapia/>. Acesso em: 10 maio 2021

_____. Semana em Homenagem ao Musicoterapeuta: uma programação voltada para a valorização deste profissional. Disponível em: https://www.ipub.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/09/Release_breve.pdf. Acesso em: 10 de maio 2021.

ZMITROWICZAB, J.; MOURA, R. Instrumento de avaliação em Musicoterapia: uma revisão. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, v. XX, n. 24, p. 114–135, 2018.